



9º Encontro Internacional de Política Social
16º Encontro Nacional de Política Social
Tema: A Política Social na Crise Sanitária revelando Outras Crises
Vitória (ES, Brasil), 13 a 15 de junho de 2023

Eixo: Classe social, gênero, raça, etnia e diversidade sexual

Feminismo marxista e a crise da reprodução social no Brasil

Carla Benitez¹
Lívia de Cássia Godoi Moraes²
Mariana Shinohara Roncato³
Rayane Noronha Oliveira⁴

Resumo: Trata-se do relato do Curso de Extensão “Feminismo Marxista e a Crise da Reprodução Social no Brasil”, realizado entre junho e dezembro de 2022. Idealizado por quatro professoras e pesquisadoras, situadas em diferentes universidades. O curso que reuniu 200 participantes, com encontros online quinzenais, teve como objetivo a ampliação do debate da Teoria da Reprodução Social, porém, materializada em uma situação concreta, qual seja: a crise da reprodução social e o caso brasileiro. Foi possível pautar discussões em relação aos trabalhos de cuidado, à violência, à crise ecológica, ao capitalismo dependente, assim como o debate teórico sobre o feminismo marxista, com base na teoria unitária. Ao fim, logramos expandir as redes de reflexões coletivas sobre teoria e praxis feministas marxistas.

Palavras-chave: Curso de Extensão. Crise da reprodução social. Teoria da Reprodução Social. Feminismos. Brasil.

Marxist feminism and the crisis of social reproduction in Brazil

Abstract: This is a report of the Extension Course "Marxist Feminism and the Crisis of Social Reproduction in Brazil", held between June and December 2022. It was conceived by four professors and researchers based in different universities. The course gathered 200 participants, with online meetings every two weeks, and aimed to expand the debate on Social Reproduction Theory. At the same time, it focused on a concrete situation, namely: the crisis of social reproduction in Brazil. It was possible to conduct discussions about care work, violence, the ecological crisis, dependent capitalism, as well as the theoretical debate about Marxist feminism, based on unitary theory. As a result, we were able to expand networks for collective reflections on Marxist feminist theory and praxis.

Keywords: Extension course. Crises of social reproduction. Social Reproduction Theory. Feminisms. Brazil.

¹ Doutora em Sociologia e docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). E-mail: carlabenitez@unilab.edu.br.

² Doutora em Sociologia e docente do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). E-mail: livia.c.moraes@ufes.br.

³ Doutora em Sociologia e pesquisadora de Pós-doutorado no Departamento de Sociologia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: marishinohara@gmail.com.

⁴ Doutora em Serviço Social e docente do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: rayane.noronha.oli@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O presente relato tem por objetivo divulgar a experiência do Curso de Extensão "Feminismo Marxista e a Crise da Reprodução Social no Brasil", realizado entre os meses de junho a dezembro de 2022, sob o impacto dos recentes anos de pandemia de *coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2* (SARS-CoV-2), popularmente conhecida como COVID-19. Esse curso foi idealizado por uma equipe formada por quatro docentes pesquisadoras de universidades públicas federais (UNILAB, UFES, UNICAMP e UFPB), com formações diversas (Direito, Sociologia e Serviço Social), que desenvolvem seus estudos a partir da Teoria da Reprodução Social (TRS) ou Teoria Unitária: uma perspectiva do feminismo-marxista em atual construção.

O Curso de Extensão "Feminismo Marxista e a Crise da Reprodução Social no Brasil" é resultado de um processo participativo anterior, que se desenvolveu por cerca de dois anos, por meio do Grupo de Estudos sobre Teoria da Reprodução Social⁵. A princípio, o referido grupo de estudos se materializou de maneira informal, a partir da construção do Colóquio Internacional “**Marx e o Marxismo 2019: *Marxismo sem tabus – Enfrentando opressões***”, ocorrido na Universidade Federal Fluminense em Niterói, Rio de Janeiro, em 2019, e, posteriormente foi oficializado no diretório de grupos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Atualmente, o Grupo de Estudos realiza reuniões quinzenais e conta com um espaço coletivo de mensagens instantâneas que reúne mais de uma centena de mulheres, em sua maioria pós-graduandas de diversos estados do Brasil e algumas estrangeiras que vivem no Brasil, bem como brasileiras residentes no exterior. Essas mulheres são pesquisadoras e militantes e, em grande medida, atuam para além do espaço acadêmico, compondo também partidos políticos e movimentos sociais. Contudo, há um grupo menor, com uma média de 15 a 20 mulheres, que são mais orgânicas e estão, neste momento, ampliando a compreensão, aprofundamento e desdobramentos teóricos da Teoria da Reprodução Social, em especial, para pensar a realidade concreta brasileira.

A Teoria da Reprodução Social emerge a partir do intuito de renovação do feminismo marxista, propondo uma teoria unitária para a compreensão das opressões de

⁵ Para mais informações sobre o Grupo de Estudos:
<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/7534263257506461>. Acesso em 27.fev.2022.

gênero no capitalismo. Impulsionada pela obra de Lise Vogel, publicada no ano de 1983, *Marxismo e a opressão às mulheres: rumo a uma teoria unitária*⁶ tem como contribuição especial superar o dualismo teórico presente em perspectivas anteriores em que o enquadramento analítico das opressões frequentemente separava exploração de opressão, e produção de reprodução social, com a ausência do prisma da totalidade, categoria imprescindível ao método marxiano. Desde então, uma miríade de pesquisadoras, inicialmente situadas em países de capitalismo central, majoritariamente de língua anglófona, e, posteriormente, espalhadas para a periferia, como Brasil, Argentina, entre outros países da América Latina, vem desenvolvendo inúmeros estudos fundamentados na unidade do materialismo histórico-dialético (método marxiano) e a teoria valor-trabalho de Marx para apreender as relações generificadas e racializadas do capitalismo, abarcando outras opressões, tais como as direcionadas à população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Transgêneros, Queers, Interssexuais, Assexuais, Não-binária etc (LGBTQIA+), assim como as opressões capacitistas, xenofóbicas etc.

É mister afirmar que a TRS abre caminhos para uma interpretação materialista e dialética das opressões, em que a gênese da subalternização das mulheres no modo de produção capitalista é decorrente de uma série de condições moldadas e estabelecidas pelas relações de produção capitalistas e sua acumulação primitiva, nas quais as mulheres assumem o lugar central na produção e reprodução da força de trabalho, imprescindível para a formação e manutenção da classe trabalhadora. Portanto, as mulheres realizam um tipo de trabalho que é condição *sine qua non* da reprodução societal. Essa teoria analisa a *articulação* entre produção e reprodução societal, os diversos trabalhos da reprodução social da força de trabalho, suas consequências para a vida das mulheres e as formas de lutas feministas, enquanto luta de classes. Com esse viés teórico, percebeu-se um enriquecimento analítico para a apreensão da pandemia COVID-19 e seus diversos desdobramentos para a reprodução social.

A pandemia catalisou fenômenos já visíveis da crise estrutural do capitalismo, aprofundando as desigualdades e realocando os trabalhos reprodutivos naturalizados e invisibilizados, em que as mulheres são as principais responsáveis, fundamentalmente as pertencentes à classe trabalhadora, com intensificação dessa

⁶ O livro de Lise Vogel foi recém lançado (dezembro de 2022) em português pela editora Expressão Popular e contou com a tradução de nove participantes do Grupo de Estudos sobre a Teoria da Reprodução Social.

sobrecarga às mulheres negras, indígenas e camponesas. Foram as mulheres, inclusive, organizadas em seus diversos movimentos, que realizaram mutirões em comunidades, favelas e periferias do Brasil, viabilizando que um contingente expressivo da classe trabalhadora, em sua condição mais pauperizada, pudesse acessar bens de higiene e alimentação básica. Em conformidade com as contradições mais viscerais deste sistema, foram também as mulheres que mais sofreram com as violências nos espaços domésticos e foram maiores vítimas de feminicídios, em comparação aos anos anteriores à pandemia, devido à dificuldade em denunciar os agressores e, por consequência, a inoperância de medidas protetivas que poderiam evitar a morte, de acordo com a Agência Patrícia Galvão. Portanto, o cenário pós-pandêmico brasileiro nos apresenta níveis mais complexos de contradições que merecem continuamente serem revisados e analisados, a fim de buscarmos seus fios condutores explicatórios.

As pesquisadoras deste curso de extensão, cada uma em sua área de atuação, já desenvolviam estudos sobre as relações de trabalho, o racismo, o encarceramento, as teorias feministas, os processos migratórios, dentre outras temáticas que dialogam com a crise estrutural do capital. A TRS possibilitou um novo enquadramento para apreensão dessa crise que já era inquirida, porém, agora com um direcionamento analítico para a crise da reprodução social e sua importância para o contexto que se atravessava.

Diante da conjuntura de pandemia de COVID-19, o governo federal de cariz fascista, representado pelo ex-presidente Jair Bolsonaro e sua equipe de generais, intensificou a ausência de políticas que correspondessem às necessidades imediatas da população, desse modo, viu-se a necessidade de se analisar a crise da reprodução social, como contraparte da crise produtiva. Em consonância a este cenário, o curso de extensão foi pensado como uma possibilidade de ampliar a apreensão de fenômenos relacionados à crise produtiva-reprodutiva brasileira e os movimentos adjacentes ao Estado.

Em um primeiro momento, foi aventada a possibilidade de desenvolver um projeto de pesquisa com o tema, contudo, considerou-se que um processo formativo corresponderia mais, naquele momento, à realidade posta socialmente, daí a opção pela extensão. Não apenas pela dificuldade em conseguir financiamento para pesquisas de grande porte, mas também porque foi considerada a importância da socialização da teoria unitária no Brasil, que encontra-se, de fato, ganhando bastante espaço teórico e político em diversos territórios acadêmicos e de movimentos sociais.

1. O CURSO DE EXTENSÃO: PROPOSTAS E DESAFIOS

O curso foi pensado para ser direcionado às mulheres em sua diversidade, tanto as vinculadas aos movimentos feministas, movimentos sociais em geral e à academia, como pesquisadoras e estudantes, como trabalhadoras da reprodução social, tais como trabalhadoras da saúde, educação, assistência social, donas de casa etc. Portanto, pretendeu-se alcançar um leque diverso, amplo e plural de mulheres, com territorialidades múltiplas e inscritas em diversos espaços sócio-ocupacionais.

O curso foi divulgado por aplicativos de mensagens instantâneas de grupos de pesquisa, grupos de e-mails e redes sociais. Além do "boca a boca". A demanda foi surpreendentemente alta, com mais de 600 pessoas interessadas, o que gerou um desafio para as proponentes do curso, relacionado aos critérios de seleção. Havia um desejo de que o máximo de pessoas pudessem acessar a proposta, contudo, prezava-se por um curso dialogado, por uma construção coletiva e que, portanto, não seria opção uma transmissão via Youtube ou semelhante, o que, por um lado, atenderia à demanda, mas, por outro, desviaria da nossa concepção original.

No formulário de inscrição constavam os seguintes campos para que as/os inscritas/os pudessem responder: nome, e-mail, telefone, RG, data de nascimento, local de residência, cor e etnia, identidade de gênero, orientação sexual, profissão, se tinha graduação, se sim, qual a graduação e universidade, se realizava pós-graduação, se sim, qual a universidade e programa de pós-graduação, se fazia parte de movimentos sociais e uma questão aberta para expor o interesse em realizar o curso de extensão, de forma sucinta.

A proposta original foi trabalhar quinzenalmente os três módulos do curso com uma turma de até 150 pessoas. A solução encontrada diante do número de inscritas⁷ foi abrir duas turmas de até 150 pessoas em cada. Sendo que as turmas seriam organizadas por nível de proximidade com as teorias feministas e com o marxismo. Uma foi composta por pessoas que já tinham contato com teorias feministas e marxismo, enquanto a outra seria de pessoas iniciantes, que ainda não tinham muita familiaridade com essas perspectivas teóricas. Observou-se também a área de atuação e militância das

⁷ Optou-se por utilizar sempre no feminino por posicionamento político.

postulantes e o critério regional, a fim de contemplar a maior diversidade territorial possível.

No que diz respeito aos módulos, foram organizados da seguinte forma:

Quadro de organização do curso "Feminismo marxista e a crise da reprodução social no Brasil", por módulos

MÓDULO	MÓDULO 1	MÓDULO 2	MÓDULO 3
TEMA	Introdução à Teoria da Reprodução Social	O que é crise da reprodução social	Crise da reprodução social no Brasil
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	<p>Encontro 1 Capítulo 1 da dissertação "Unidade, diversidade e totalidade: a Teoria da Reprodução Social e seus contrastes", de Rhaysa Ruas Fonseca.</p> <p>Encontro 2 Capítulo 1 e 2 do livro "Feminismo e Marxismo: entre casamentos e divórcios", de Cinzia Arruzza.</p> <p>Encontro 3 Capítulo 3 e 4 do livro "Feminismo e Marxismo: entre casamentos e divórcios", de Cinzia Arruzza.</p> <p>Encontro 4 Artigo "Capital, força de trabalho e relações de gênero", de Susan Ferguson e David Mac Nally.</p>	<p>Encontro 5 Artigos "A crise estrutural do capital", de István Mészáros e "Crise ecológica, crise capitalista, crise de civilização: a alternativa ecossocialista", de Michel Lowy.</p> <p>Encontro 6 Artigo "Contradições entre capital e cuidado", de Nancy Fraser e o pós-fácio do livro "Feminismo para os 99%: um manifesto", de Cinzia Arruzza, Tithi Battacharya e Nancy Fraser.</p> <p>Encontro 7 Artigo "Explicando a violência de gênero no neoliberalismo", de Tithi Battacharya.</p> <p>Encontro 8 Artigo "Para uma análise inicial dos impactos do ultraneoliberalismo brasileiro sobre a reprodução social." de Rhaysa Ruas e Tiago Romão.</p>	<p>Encontro 9 Capítulo 3 da dissertação "A relação entre trabalho doméstico, valor e capitalismo dependente: uma crítica à luz da teoria da reprodução social", de Clara Saraiva.</p> <p>Encontro 10 Capítulo 5 da tese de doutorado "Apropriação do tempo de trabalho das mulheres nas políticas de saúde e reprodução social: uma análise de suas tendências" de Verônica Ferreira.</p> <p>Encontro 11 Artigo "Forças de reprodução. O ecofeminismo socialista e a luta para desfazer o Antropoceno", de Stefania Barca e encerramento do curso com o balanço geral e coletivo do Curso de Extensão.</p>

Elaboração própria, 2023.

No primeiro módulo foram mantidas as duas turmas. Realizaram-se encontros semanais, discutindo o mesmo texto com ambas turmas, em semanas subsequentes. Foi iniciado o debate apresentando a Teoria da Reprodução Social. Para tanto, houve a escolha de textos que versassem sobre a história dos feminismos contada desde um viés crítico, assim como materiais que expusessem sobre o método marxiano em diálogo com teorias feministas. Também baseadas em texto clássico da TRS com explanação mais ampla para situar o debate. Antes de desenvolver a discussão sobre a crise da reprodução social, sentiu-se que era preciso ter afinidade com as perspectivas teóricas da TRS.

Nos primeiros encontros, ao conhecer um pouco mais as participantes, foi percebido que suas trajetórias eram muito diversas e seus interesses, igualmente. Havia, inevitavelmente, diferenças no que tange à relação em que cada pessoa tinha com o acúmulo de contato com as teorias feministas e o marxismo. A heterogeneidade de idade, local de inserção na academia, trabalho e militância chamaram a atenção positivamente e, acreditou-se que essa diversidade rebateria nas próprias partícipes. Esse impacto aconteceu sobretudo no momento de debate, que acontecia na segunda parte dos encontros, ocasião em que era aberta a discussão para intervenções de toda a natureza, tais como: dúvidas, provocações, discordâncias e pensamentos soltos sobre o texto ou a apresentação das coordenadoras. Nesses debates, não raro, acontecia diálogo entre as participantes e interlocução com os comentários umas das outras.

Ao longo dos quatro primeiros encontros, observou-se, conforme já esperado, uma diminuição da presença das inscritas no curso⁸. Reforça-se aqui a escolha que fizemos: encontros síncronos, via google meet, às 19h, às quintas-feiras, sem gravação. Dessa forma, não havia como as participantes registrarem presença fora do horário estabelecido. De algum modo, já esperávamos que houvesse uma desistência, devido ao fluxo intenso que aconteceu durante a pandemia de eventos *online*, o que gera, de forma geral, um cansaço ou indisposição por parte de muitas pessoas em dar continuidade aos projetos não presenciais. O que é totalmente compreensível, pois houve uma exaustão generalizada da sociedade do mundo virtual, embora se saiba da

⁸ A presença no curso era registrada via *google forms*, cujo link era disponibilizado após 1h30 do encontro.

importância desse espaço para a realização de muitas atividades, ainda hoje, mesmo após a pandemia. As organizadoras do curso reconhecem, contudo, a limitação destes espaços.

Diante das desistências, foi retomada a proposta original, de ter apenas uma turma, com encontros quinzenais. A primeira turma, com pessoas mais próximas aos estudos e teorias feministas, manteve um número alto, mas estabilizou com 50 a 60 participantes. A segunda turma, com pessoas com menos familiaridade com a temática, teve maior desistência: de 100 pessoas, ficaram um pouco mais de 30 participantes. O que merece também uma reflexão, pois vale a indagação: por que houve maior desistência na turma que tinha menor familiaridade com a temática? Será que devido à dificuldade ou densidade dos textos? Será que houve maior dificuldade de acessar didaticamente essas pessoas? De todo modo, a junção das duas turmas se mostrou muito profícua, pois houve a conjunção de uma diversidade que, nos momentos dos debates, evidenciou a junção de reflexões em torno de questões mais concretas do cotidiano e de qualificados esforços teóricos, por parte de outras participantes, concretizando a verdadeira unidade entre teoria e prática.

Metodologicamente, os encontros duravam duas horas, sendo que os dez primeiros minutos eram destinados aos informes e também as conversas livres entre as participantes; posteriormente, uma das organizadoras apresentava uma síntese do texto do encontro em 40 minutos, restando 1h10 para debate entre as participantes, sendo que as pesquisadoras proponentes do cursos faziam os comentários finais. Havia também a possibilidade de que perguntas e comentários fossem feitos por escrito⁹, inclusive anonimamente. Porém, ao longo das semanas, todas foram se sentindo mais à vontade para falar e o documento para perguntas se tornou supérfluo. Considerou-se, contudo, que, para um primeiro momento, foi uma importante ferramenta didática, permitindo que pessoas com maiores dificuldades de falar em público, pudessem participar. É mister destacar que, mesmo se tratando de um espaço hegemonicamente feminino e inteiramente feminista, muitas mulheres ainda sentem dificuldade de expressar seus pensamentos. Isso se dá, evidentemente, como expressão das relações generificadas, em que as mulheres são socialmente atribuídas aos espaços privados.

⁹ Tratava de um documento no *google docs* editável.

Quanto ao conteúdo dos debates que surgiram neste primeiro módulo, enfatizamos as reflexões apresentadas por muitas das cursistas sobre a importância de “sulearmos” a história das classes trabalhadoras e das lutas das mulheres dentro dela. Ou seja, os textos escolhidos para essa apresentação da história do feminismo marxista e as particularidades do feminismo da reprodução social e, mais ainda, da Teoria da Reprodução Social, eram textos, em sua maioria, escritos por autoras do Norte Global e que, ainda que com um esforço de não generalizar experiências geopolíticas, acabavam por não ter capacidade de aprofundar as particularidades dessa história nos países de capitalismo dependente. De nossa parte, havia a intenção central de que a jornada do curso como um todo fosse costurando as reflexões mais voltadas à realidade do Brasil e muito nos agradou perceber que essa bússola estava colocada desde o início também pelas cursistas, cada uma delas compartilhando seus acúmulos teóricos e pontos de vista sobre o que qualifica e explica a nossa história.

No segundo módulo foi possível desenvolver com maior profundidade a temática geral do curso, com a apresentação de textos que dialogavam com a crise da reprodução social em suas diversas manifestações, tais como o debate sobre o neoliberalismo, a crise ecológica, o trabalho de cuidado, a violência contra às mulheres, a racialização do debate e os impactos do neoliberalismo na realidade brasileira, entre outras questões correlatas. No segundo módulo, com as participantes mais descontraídas, e com textos que tratavam de pesquisas mais concretas e atuais, os debates com as integrantes foram se tornando mais densos e mais ricos em reflexões.

Por tratar de assuntos mais concretos sobre algum aspecto da crise da reprodução social e da crise do capital, em um sentido amplo, frequentemente nos encontros, acontecia de alguma pessoa estar pesquisando alguma temática correlata, trabalhar na área em que o texto tratava, ou ter uma experiência de vida que dialogava diretamente com o conteúdo do módulo. Essas ocasiões foram de muita riqueza, pois além do conteúdo do texto trabalhado, os saberes e experiências das participantes possibilitaram desvelar as situações concretas e mediações importantes com a vida de cada uma. Cabe dizer que, nesse ponto do curso, já havia maior proximidade com as integrantes, especialmente as mais participativas. Havia conhecimento de seus interesses de pesquisa e suas temáticas, bem como suas competências, assim, não raro, houve situações em que as próprias participantes respondiam alguma dúvida suscitada por

outras participantes, materializando uma didática horizontal e extremamente participativa. Houve abertura, inclusive, para indicação de leituras e outros materiais para estudo e conhecimento, a partir de seus acúmulos e experiências, para além das sugestões das organizadoras.

Quanto ao conteúdo dos debates que surgiram neste segundo módulo, destacam-se dois aspectos. O primeiro foi a escolha por fazer o debate da crise da reprodução social ancorado em um escopo mais amplo sobre crise estrutural do capital¹⁰ ou crise de civilização. Isso, por um lado, nos proporcionou refletir sobre as características de uma crise de muitas crises, que funde, necessariamente, as dimensões ecológica, política, econômica à da reprodução social, atribuindo uma dimensão de totalidade também à reflexão sobre o caráter da crise da ordem do capital. De outro lado, ao tratar especificamente da crise da reprodução social e partir novamente dos textos de autoras que não vivenciam a experiência do capitalismo dependente, pode-se concluir, coletivamente, que, ainda que pertinentes e necessárias as reflexões, por exemplo, de Nancy Fraser sobre a “cadeia global de cuidados” no neoliberalismo, ao olhar para realidades como a brasileira, as características dessa crise não despontam nas últimas décadas dessa quadra histórica, mas sim são um *continuum*, como se pudessemos afirmar que a crise da reprodução social é estruturalmente dada no capitalismo dependente, o que não significa que não apresente nuances e agudizações na última etapa de acumulação capitalista. Novamente, de um jeito ou de outro, os debates coletivos marcaram o quanto temos a contribuir com a construção da Teoria da Reprodução Social e dos debates feministas em geral desde este rincão do mundo.

Um segundo aspecto que despontou com mais força neste segundo módulo, ainda que já estivesse latente desde o início, foi o debate ecológico atravessar, necessariamente, o tema da reprodução social. Muitas das cursistas ou se auto-identificam como ecofeministas ou trabalham e lutam muito diretamente com questões

¹⁰ Importante destacar que foi realizada uma autocrítica quanto a escolha do texto de Istvan Mészáros. Houve dúvida, por parte das propositoras, entre dois textos que tratavam de crise estrutural, quais sejam: o artigo "A crise estrutural do capital", da revista Outubro, 2000, e o capítulo “Das crises cíclicas à crise estrutural” do livro “A atualidade histórica da ofensiva socialista”, do mesmo autor, 2010. Escolhemos o primeiro, pois era mais sintético. Porém, depois do encontro, avaliamos que a segunda opção teria sido mais profícua, porque menos centralizada nas questões econômicas, trazendo aspectos civilizacionais que dialogariam melhor com o texto de Lowy. As cursistas acharam a bibliografia selecionada de difícil leitura e entendimento.

socioambientais e isso fez com que o debate despontasse para grandes questões, como: *i.* de um lado, a denúncia sobre a desvalorização do trabalho que gera e garante a vida sob o capitalismo; de outro, uma romantização do mesmo, e um uso até utilitário desse lugar imanente e transcendental das mulheres como protetoras da natureza. Como politicamente escapar desses dilemas?; *ii.* como pensar a relação imbricada entre produção e reprodução social quando olhamos, por exemplo, para experiências de trabalhos em povos e comunidades tradicionais?; *iii.* como também colocar em evidência as reflexões e estudos sobre o trabalho de reprodução social no campo?; *iv.* como pensar a crise ecológica se não por uma marca central do racismo ambiental e do sexismo?; *v.* como relacionar a desvalorização do trabalho de reprodução - e o próprio não reconhecimento enquanto tal - com a extração predatória da natureza? Como essa “apropriação exaustiva”, sem contrapartida, se relaciona entre ambas as dimensões e compõe aspecto fulcral para compreender a própria possibilidade da acumulação capitalista?

No terceiro e último módulo, o objetivo central era, desde os acúmulos históricos e teóricos proporcionados nos dois módulos anteriores, situando a Teoria da Reprodução Social e o debate sobre a crise da reprodução social, poder melhor concretizar como esta se evidencia na realidade brasileira. Desde o início do planejamento do curso foram muitas as dúvidas sobre como conduzir este momento, uma vez que eram muitas as abordagens desejadas, tal como a questão do trabalho, das políticas sociais, da seguridade social, da moradia, do encarceramento e militarização das vidas, entre tantas outras que tomariam meses de reuniões e debates, o que não era possível dentro do planejamento temporal do Curso. Por isso, houve a escolha de delimitar as ênfases do terceiro módulo em associação aos próprios debates surgidos no decorrer da jornada. O curso, apesar de ter uma proposta inicial, foi sendo construído em processo.

Nesse módulo, tivemos desafios e também novidades que não estavam no projeto inicial. O primeiro desafio diz respeito às eleições para a presidência do Brasil, em outubro, que exigiu um desvio de energia e tempo muito grande tanto das organizadoras quanto de boa parte das participantes, já que uma das características marcantes do então presidente e candidato à reeleição era a misoginia e as posturas fascistas, reprodutoras de toda ordem de opressão (sexismo, racismo, lgbtfobia,

capacitismo, xenofobia, dentre outras). O segundo desafio tem relação com a Copa do Mundo de futebol, pois o Brasil jogou no dia e horário de um dos nossos encontros, implicando na mudança de cronograma das agendas de todas.

O não planejado que foi construído ao longo dos módulos foi a ideia de convidar as próprias autoras dos textos selecionados para debatê-los. Assim foi feito em dois dos três encontros do terceiro módulo, com a presença de Clara Saraiva e Verônica Ferreira. Essas duas expositoras, apesar de não terem participado do curso, são pesquisadoras que integram nossas redes de debate teórico e político e especialistas em suas áreas de estudo e militância, a saber: o debate sobre a seguridade social, políticas de saúde e a teoria marxista da dependência. Suas competências teóricas e políticas possibilitaram entrar mais a fundo no debate dos modos de ser da crise da reprodução em um país periférico como o nosso, trazendo exemplos palpáveis dos desafios que enfrentamos.

Assim, neste módulo, optou-se por enfatizar discussões da crise da reprodução social (em suas diversas facetas), com enfoques ao cenário e conjuntura brasileira. A reflexão caminhou no sentido de que, nessa altura do curso, depois de um acúmulo teórico de mais de três meses, já se teria alcançado uma base de fundamentos satisfatória da TRS para o debate mais concreto. Acreditamos que foi possível obter esse acúmulo teórico. Contudo, essa foi uma estratégia parcialmente acertada, pois, não obstante a importância de se ter logrado melhor compreender as bases teóricas da TRS, talvez, em futuros cursos, se possa experimentar uma alternância entre textos estritamente mais teóricos, em paralelo com outros de natureza mais empírica desde o princípio. Se, por um lado, o debate teórico tenha resultado em uma maior solidez conceitual, por outro, a introdução de questões mais concretas da realidade pode, por suposição, para público mais iniciante, trazer uma dimensão mais tangível de como a teoria nos ajuda olhar para a realidade empírica, tendo um maior interesse e participação das pessoas. Cabe o registro dessas reflexões, ainda em andamento, para construção de cursos vindouros.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Curso de Extensão "Feminismo Marxista e a Crise da Reprodução Social no Brasil", para nós, criadoras e promotoras, possibilitou a fusão de questões que atravessam as preocupações das organizadoras e que foi possível se materializar naquele espaço. Trata-se da inquietação em divulgar a Teoria da Reprodução Social para um público mais amplo, ao mesmo tempo em abordar questões contemporâneas – emergidas de modo gritante na pandemia– mas que já perpassavam o interesse em debate, qual seja: a crise da reprodução social e suas formas de manifestações. Apesar dos limites de um curso realizado no modo virtual, o volumoso interesse de centenas de pessoas demonstrou a atualidade da temática e o nosso diagnóstico acertado de que um curso como esse seria importante e de interesse para além dos muros da universidade.

As coordenadoras do curso, não obstante as suas distintas trajetórias, têm construído uma rede de diálogo mútuo, constante e agregador das diferentes pesquisas. O curso possibilitou alinhar essas diferenças de recortes de pesquisas, que existem em paralelo à sintonia teórica e política, possibilitando a inclusão de mais pessoas nessa rede. Isto é, apesar de cada coordenadora e participante do curso ter interesses diversos, foi possível que essas diversidades fossem traduzidas em reflexão analítica e vontade política comum e coletiva.

Como balanço, identificamos diversos pontos positivos. Destacamos a possibilidade que tivemos em poder divulgar as pesquisas de autoras relacionadas à Teoria da Reprodução Social, perspectiva nova e que ainda se encontra com pouca visibilidade. Ademais, no decorrer do curso, mas especialmente do meio para o fim, muitas pessoas relataram que o mesmo provocou mudanças em seus olhares, promovendo alterações em seus aportes de pesquisa. As organizadoras do curso também tiveram seus trabalhos mais replicados, propiciando a ampliação do conteúdo em formações de movimentos sociais, bem como na atuação de profissionais, especialmente, as atuantes em políticas públicas e direito. A extensão da rede também repercutiu em convites para palestras, bancas e espaços de formação.

Como pontos negativos, há alguns a serem pontuados, com destaque para o aspecto virtual dos encontros. De um lado, naturalmente, o que possibilitou a existência desse curso, tal como foi realizado, foram os recursos tecnológicos que alicerçaram os encontros. Enquanto professoras e pesquisadoras situadas em quatro Estados diferentes,

assim como as participantes, que residem em quase todos os Estados brasileiros, serviu de plataforma de encontro. A procura inicial de mais de 600 pessoas ocorreu em razão da virtualidade que o curso se baseia. No entanto, a atividade virtual não alcança a qualidade da troca presencial.

É verdade, como mencionado, que mesmo no espaço *online* foi possível tecer debates muito ricos e construir uma rede de pessoas interessadas na temática. Concluiu-se que foi acertada a ideia de realizar os debates de forma síncrona e sem gravação, o que proporcionou proximidade e fortuito diálogo entre cursistas e proponentes.

Entretanto, essa troca também se choca com os limites virtuais. Tivemos a impressão que algumas participantes se sentiam menos dispostas a fazerem suas falas nesse espaço. Em situações onde o encontro é presencial, as interações costumam ser mais informais, há o ambiente para a troca de conversas antes e depois das reuniões, existe o lugar físico compartilhado, tem as expressões corporais e linguagens materializadas nos corpos, produzindo assim interações diversas entre as pessoas. Nesses casos, criam-se mais intimidade, afeto e liberdade entre as participantes, tendo menos inibições para intervenções, falas e debates. No espaço virtual, por exemplo, a inscrição de uma pessoa para fazer a fala tende a parecer mais formalizada, com margem diminuta para o imprevisto e espontaneidade. Como professoras que experienciamos a realidade do ensino remoto na pandemia, esse resultado não nos surpreendeu, pois replica-se em aulas regulares da universidade.

Ademais, em razão da Copa do Mundo de futebol, tivemos que alterar o cronograma e diminuir o número dos encontros, passando de 12 para 11 dias.

Em nosso último encontro, dedicamos um espaço privilegiado para um balanço final do curso, que foi sério e, ao mesmo tempo, muito afetivo. Em suas falas finais, as participantes destacaram a vontade teórica, política e ética das coordenadoras em divulgar a Teoria da Reprodução Social. Muitas mulheres trabalhadoras ressaltaram a oportunidade singular de tomar contato com o tema e poder levar para suas comunidades e movimentos. De conjunto, houve uma percepção muito positiva sobre a abertura reflexiva proporcionada pelos encontros e sobre as potências que isso significava para as intervenções na realidade de cada uma ali presente. Notamos uma vontade das cursistas em continuarem debatendo e se aprofundando no tema, em rede.

Para as organizadoras, a experiência foi tomada como muito válida, importante e com potencial para se desdobrar em novas iniciativas ainda mais potentes. Espera-se que a socialização deste relato de experiência também sirva como um rascunho das próximas páginas de construção coletiva que virão.

REFERÊNCIAS

ARRUZZA, Cinzia. **Ligações perigosas: casamentos e divórcios entre marxismo e feminismo**. São Paulo: Usina Editorial, 2019.

BARCA, Stefania. Forças de reprodução. O ecofeminismo socialista e a luta para desfazer o Antropoceno, *e-cadernos CES* [Online], 34 | 2020, posto online no dia 09 julho 2021.

BHATTACHARYA, T. Explicando a violência de gênero no neoliberalismo. **Marx e o marxismo**, v.7 n.12 (2019).

FERGUSON, Susan; MCNALLY, David. Capital, força de trabalho e relações de gênero. **Outubro**, n. 29, 2017.

FERREIRA, Verônica. **Apropriação do tempo de trabalho das mulheres nas políticas de saúde e reprodução social: uma análise de suas tendências**, 2017. Tese (Doutorado em Serviço Social) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, cap. 5.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. **Femicídios na pandemia: quatro mulheres são mortas a cada 24 horas**. Campinas, 2020. Disponível em <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/femicidios-na-pandemia-quatro-mulheres-sao-mortas-a-cada-24-horas/>. Acesso em 28 fev. 2023.

LOWY, Michael. Crise ecológica, crise capitalista, crise de civilização: a alternativa ecosocialista. **Caderno CRH** 26, no. 67 (2013):79-86.

MÉSZÁROS, Istvan. A crise estrutural do capital. **Revista Outubro**, edição 04, 2000.

MÉSZÁROS, Istvan. Das crises cíclicas à crise estrutural. In: _____. **A atualidade histórica da ofensiva socialista**. São Paulo: Boitempo, 2010.

RUAS DA FONSECA, R.; ALENCAR, T. Para uma análise inicial dos impactos do ultraneoliberalismo brasileiro sobre a reprodução social. **RTPS - Revista Trabalho, Política e Sociedade**, v. 6, n. 10, p. p. 317-338, 30 jun. 2021.

RUAS DA FONSECA, Rhaysa Sampaio. **Unidade, diversidade, totalidade**: a Teoria da Reprodução Social e seus contrastes. 2019. 227 f. Dissertação (Mestrado em Direito Civil Constitucional; Direito da Cidade; Direito Internacional e Integração Econômica; Direi) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, cap. 1.

SARAIVA, Clara. **A relação entre trabalho doméstico, valor e capitalismo dependente**: uma crítica à luz da teoria da reprodução social. 2021. 115 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, cap 3.

VOGEL, Lise. **Marxismo e a opressão às mulheres**: rumo a uma teoria unitária, São Paulo, Editora Expressão Popular, 2022.